

### **3. O Eu e o Corpo na Metapsicologia**

#### **3.1. O conceito de pulsão e a relação entre corpo e psiquismo**

Ao nascer, o bebê não possui nenhuma orientação no mundo. Seu aparelho psíquico funciona baseado apenas nas sensações corporais, e as condições para a aquisição das primeiras distinções e orientações são proporcionadas aos poucos, pelos estímulos que ele recebe. Freud (1915a) ressalta, portanto, a importância dos estímulos que tocam o corpo do bebê, para seu desenvolvimento psíquico. Por um lado, o bebê se dará conta de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga) e os atribuirá a um mundo externo. Por outro, irá perceber a existência de estímulos de constante pressão, dos quais não se pode fugir. Esses estímulos são os sinais de um mundo interno, ou seja, de necessidades pulsionais. Desse modo, Freud (1915a) começa a introduzir a importância da atividade muscular e dos estímulos externos e pulsionais como base para distinção da percepção entre um de fora e um de dentro.

São os estímulos externos e internos que tocam o corpo do bebê que formam o sistema Pcpt.-Cs, localizado na fronteira entre o exterior e o interior. Ou seja, voltado para o mundo externo, ao mesmo tempo em que forma uma camada que recobre os outros sistemas psíquicos. Esse sistema fornece as percepções externas e as sensações de prazer e desprazer que se originam no interior do aparelho psíquico. E, por ter a superfície voltada para o mundo exterior, se diferencia das outras partes do aparelho psíquico, tendo também a função de órgão receptor dos estímulos.

Para Freud (1915a), uma pulsão é um estímulo aplicado à mente, embora pulsão e estímulo mental não sejam exatamente a mesma coisa, já que, além destes, existem também os estímulos externos que assolam o indivíduo desde o seu nascimento e se comportam muito mais como fisiológicos, funcionando segundo o modelo de arco reflexo. Isto é, para Freud (1915a), de acordo com a fisiologia e o modelo do arco reflexo, um estímulo externo aplicado ao corpo é descarregado por ação para fora. Essa ação afasta o corpo estimulado da influência do estímulo, removendo-o de seu raio de atuação.

Freud (1915a) faz, então, uma distinção entre estímulos pulsionais e estímulos externos que atuam na mente, assim como já havia feito no *Projeto* a distinção entre a Q proveniente do mundo externo e os neurônios  $\phi$ , e a Q endógena e os neurônios  $\psi$ . Uma pulsão atua sempre como uma força constante (*drang*), diferentemente do estímulo externo que provoca um impacto momentâneo. A fonte (*quelle*) do estímulo pulsional é sempre de origem endógena, ou seja, o interior do próprio corpo; por isso, ele age sobre a mente de forma diferenciada, mobilizando diferentes ações para removê-lo. Os estímulos externos impõem a tarefa de afastamento, que é feito mediante ação muscular; entretanto esse mecanismo não é aplicável aos estímulos pulsionais, que exigem muito mais do sistema nervoso, implicando atividades complexas e interligadas, através das quais o mundo externo se modifica de modo a proporcionar satisfação à fonte interna da estimulação. Isto é, a meta (*ziel*) de todo estímulo pulsional é a satisfação, que pode ser alcançada das maneiras mais diversas possíveis, mas sempre à custa da transformação da fonte interna de estimulação, interrompendo o estado de excitação. Essa transformação apropriada ocorre sempre através de um objeto (*objekt*), que pode ser inclusive uma parte do próprio corpo. Desse modo, de acordo com essas características, não há como fugir dos estímulos pulsionais, o que os coloca na ordem de uma necessidade e constitui a marca de um mundo interior. Freud (1915a) atribui aos estímulos pulsionais a condição de força motriz que conduz o sistema nervoso ao progresso e a seu mais alto nível de desenvolvimento.

Embora Freud (1915a) considerasse determinante o fato de a origem da pulsão ser uma fonte somática, acreditava que, por se tratar do corpo, o estudo da fonte da pulsão caberia apenas à biologia. O interesse da pesquisa psicanalítica recairia, portanto, sobre a meta da pulsão, ou, dito de outra forma, sobre os destinos possíveis para se chegar à satisfação, apontados por Freud (1915) como: a transposição em seu contrário, o retorno sobre a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Fontes (2002) discorda de Freud nesse ponto, retificando que, se a fonte somática é um elemento determinante, deve ser objeto de investigação, principalmente ao se tratar de um momento precoce, no qual as pulsões se manifestam de modo autoerótico, coincidindo a fonte e o objeto da pulsão, cujo objetivo ainda circunscreve o corpo, sendo o prazer de órgão.

Fernandes (2003) também ressalta que o interesse da psicanálise são os destinos que o aparelho psíquico vai dar a tudo aquilo que toca o corpo. Segundo a autora, o corpo é habitado pelas pulsões, o que o faz ser, antes de tudo, pulsional, à medida que são necessidades vitais das quais não se pode fugir. Isto é, o corpo é animado pela pulsão, que liga o psíquico com o corporal, no sentido de que corpo e psiquismo estão envolvidos na satisfação da pulsão. “Essa ligação do psíquico com o corporal, essa incontornável corporeidade do sujeito, exige trabalho – trabalho psíquico – para conseguir lidar com as excitações que provêm do interior de si mesmo” (Fernandes, 2003, p.79). Desse modo, o conceito de pulsão circunscreveu a questão entre o somático e o psíquico, a partir da seguinte afirmação feita por Freud (1915a):

“uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915a, p.127).

É importante ressaltar que, de acordo com essa citação, Freud (1915a) não fazia nenhuma distinção entre a pulsão e seu representante psíquico, ou seja, considerava a própria pulsão o representante psíquico de forças somáticas. Entretanto, nos textos posteriores, com nos textos *O Inconsciente* e no *Recalque*, traça uma nítida distinção entre a pulsão e seu representante psíquico:

“Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, isto só é possível para a idéia que representa essa pulsão na psique. Mas, em rigor, também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma idéia. Ou seja, se a pulsão não aderisse a uma idéia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos. Se, no entanto, mesmo assim utilizamos até aqui expressões como impulso pulsional inconsciente ou impulso pulsional recalçado, devemos agora esclarecer que, apesar de inofensivas, se trata de expressões imprecisas. É mais do que óbvio que nesses casos estamos nos referindo a um impulso pulsional, cuja representação ideacional é inconsciente, nem poderíamos estar nos referindo a outra coisa.” (Freud, 1915d, p. 182).

De acordo com essa citação, Strachey (1915a) ressalta que a pulsão não é mais considerada um representante psíquico de impulsos somáticos, é ela própria algo não psíquico, ou somato-psíquico. Esses dois sentidos atribuídos ao conceito

de pulsão, aparentemente divergentes, aparecem em diversas passagens da obra de Freud, embora, o segundo predomine. Segundo Strachey (1915a), essa contradição pode ser mais aparente do que real, e “a solução esteja precisamente na ambigüidade do próprio conceito – um conceito de fronteira entre o físico e o mental” (Freud, 1915a, p.119).

Freud (1915b) assinala, portanto, que a pulsão é constituída por dois representantes psíquicos: a representação e o afeto. Apenas a representação é afastada da consciência pelo recalque e, no entanto, continua a existir no inconsciente, se organizando ainda mais, proliferando, e estabelecendo novas associações com outras representações. Logo, o recalque só interfere na relação da representação com o sistema psíquico consciente. O conteúdo originalmente recalcado produz derivados que, em consequência de sua distância no tempo ou de distorções, podem passar pela censura do consciente, o que ocorre, por exemplo, com os sintomas neuróticos. Dessa forma, é importante ressaltar que o processo do recalque não é algo estático, ou seja, não é um fato que acontece uma vez, produzindo resultados permanentes, mas exige um dispêndio persistente de força. “Podemos supor que o recalcado exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, de forma que essa pressão pode ser equilibrada por uma contrapressão incessante” (Freud, 1915b, p.156).

O outro representante psíquico da pulsão, a quota de afeto, sofre destinos diferentes, sob a influência do recalque. Ou seja, no processo do recalque é preciso acompanhar separadamente o que acontece à representação, ou a ideia, e àquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela, que se manifesta no corpo através de sensações. Como foi visto, a representação é afastada da consciência, enquanto que, de acordo com Freud (1915b), o afeto possui três destinos possíveis: ou ele é suprimido, ou passa a ser qualitativamente colorido, ou é transformado em angústia. Como o objetivo do recalque nada mais é do que a fuga do desprazer, pode-se considerar o destino da quota de afeto mais importante do que o destino da ideia. No entanto, Freud (1915b) parece priorizar as consequências do recalque sobre o representante ideacional da pulsão, na medida em que criam formações substitutivas e sintomas que são indicações do retorno do recalcado.

### 3.2.

#### **Sexualidade Infantil: o problema do apoio e a noção de zona erógena**

Já em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a ideia de pulsão aparece certamente em lugar de destaque. Freud (1905) assinala que, assim como a finalidade da pulsão na idade adulta, o alvo da pulsão infantil também é a satisfação, mediante a estimulação apropriada da zona erógena escolhida; entretanto, é um prazer circunscrito ao órgão. Contudo, essa satisfação deve ter sido vivenciada anteriormente, para haver a necessidade de repeti-la. O autor (1905) enfatiza o papel decisivo dessas primeiras experiências de satisfação infantis que foram recalcadas, e que, no entanto, influenciam a subjetividade de cada um. “as mesmas impressões por nós esquecidas deixaram, ainda assim, os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (Freud, 1905, p.165).

Freud (1905) aponta o comportamento de chuchar como o modelo das manifestações sexuais infantis, que aparece no lactente e que pode permanecer até a maturidade ou por toda a vida. Esta é a definição dele para o comportamento de chuchar: Qual das duas opções fica melhor?

“consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção” (Freud, 1905, p.169).

É possível observar que esse comportamento absorve completamente o bebê e o leva ao adormecimento, ou até mesmo a uma reação motora como uma espécie de orgasmo. A pulsão, nessa prática sexual, não está dirigida para um objeto externo, mas satisfaz-se no próprio corpo, ou seja, é autoerótica. No entanto, o comportamento de chuchar é determinado pela busca de um prazer já vivenciado durante a amamentação (ou em seus substitutos), que se esforça por ser renovado. Freud (1905) descreve, portanto, três características essenciais da manifestação sexual infantil presentes no comportamento de chuchar: “Essas nascem apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhecem um

objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena” (Freud, 1905, p.172).

É nesse contexto que Freud (1905) dá destaque aos conceitos de apoio e de zona erógena, nos quais ambos remetem à questão do corpo. “A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (Freud, 1905, p.171). Em *Pulsão e seus Destinos*, Freud (1915) cita algumas características da pulsão sexual observada através das perturbações mentais, onde também ressalta o conceito de apoio, a noção de zona erógena e o prazer do órgão:

“são numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do prazer do órgão, somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como pulsões sexuais. Logo que surgem, estão ligadas às pulsões de autopreservação, das quais só gradativamente se separam; também sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do eu. Parte deles permanece associada às pulsões sexuais pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente uns pelos outros, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais – isto é capazes de sublimação.” (Freud, 1915a, p.131).

O conceito de apoio surge num momento preciso, referido ao fenômeno do autoerotismo, considerado a primeira manifestação da pulsão sexual infantil, porém suscita algumas controvérsias. Segundo Garcia-Roza (1995), há uma diferença entre a citação feita por Freud em 1905 e em 1915. Na primeira, o autor fala do apoio da pulsão sexual nas funções corporais, que seriam as funções biológicas conservadoras da vida, enquanto que, na segunda, ele refere-se ao apoio da pulsão sexual na pulsão de autoconservação. E, se identificarmos as pulsões de autoconservação com as funções biológicas, não teria sentido lhes dar a denominação de pulsão. Juntando os enunciados de 1905 e 1915, entende-se que o apoio nas pulsões de autoconservação refere-se ao apoio nas funções corporais, responsáveis pela manutenção da vida. Essa constatação poderia levar a uma

discussão sobre se a pulsão de autoconservação é uma pulsão ou não, o que é resultado da imprecisão do que é atribuído ao conceito de pulsão e ao conceito de instinto. Entretanto, essa discussão não cabe no âmbito deste trabalho. Trata-se aqui apenas da discussão do apoio da pulsão sexual nas funções biológicas. Segundo as palavras de Laplanche e Pontalis (1970), Freud descreveu a estreita relação entre a pulsão sexual e as funções corporais da seguinte maneira: “A função corporal fornece à sexualidade a sua fonte ou zona erógena; indica-lhe imediatamente um objeto, o seio; finalmente causa-lhe um prazer que não é redutível à pura e simples satisfação da fome, uma espécie de brinde ao prazer” (Laplanche e Pontalis, 1970, p.31).

Garcia-Roza (1995) chama a atenção também para o fato de que nessas primeiras experiências do recém-nascido seria impossível discernir a satisfação da necessidade (ingestão do leite), do que poderia ser apenas a satisfação do prazer de sugar. Ou seja, a experiência de satisfação da necessidade e a experiência de prazer de órgão seriam concomitantes e indiscerníveis à observação.

Outro fator destacado por Garcia-Roza (1995) consiste na imprecisão sobre a qual pulsão Freud está se referindo, ao definir a pulsão na primeira parte deste artigo de 1915. No entanto, quando fala do conceito de apoio, fica evidente que faz referência a pulsão sexual em particular e não à pulsão em geral. Garcia-Roza (1995) ressalta ainda que a autonomia em relação à função biológica, característica que Freud concebe ao funcionamento da pulsão sexual no autoerotismo, não significa que ela prescindia do biológico.

“elas não têm por finalidade atender as exigências do biológico, não são adaptativas, autoconservadoras, visam apenas ao prazer de órgão, isto é, um prazer local ligado a uma determinada zona do corpo, zona erógena no caso, e sem nenhuma articulação com as demais zonas erógenas ou com o funcionamento do organismo como um todo” (Garcia-Roza, 1995, p.106).

Segundo Garcia-Roza (1995), Freud propõe que as pulsões sexuais surgem quando o prazer torna-se independente da satisfação da necessidade, e esse surgimento só é possível com o apoio da função biológica, ou, como ele diz, da pulsão de autoconservação. “Aquilo que o recém-nascido busca com seu comportamento auto-erótico não é a satisfação de uma necessidade, mas sim

repetir a experiência de satisfação que teve ao sugar pela primeira vez o seio materno” (Garcia-Roza, 1995, p.106). O sugar autoerótico, por exemplo, nada tem a ver com a satisfação da necessidade de alimento, mas sim com o prazer de órgão. Desse modo, até o surgimento do autoerotismo, as pulsões se apoiavam nas funções biológicas, o que aos poucos vai se desfazendo, tornando os comportamentos pelos quais as pulsões sexuais se manifestam claramente distintos daqueles que visam às necessidades vitais. O autoerotismo marcaria, dessa forma, a disjunção do pulsional em relação ao instintivo. Freud (1905) sugere que gradativamente a necessidade de repetir a satisfação sexual distingue-se da necessidade de se alimentar. Uma separação que se torna inevitável quando nascem os dentes e a criança passa a se alimentar não só exclusivamente por sucção, mas também por mastigação. A criança escolhe uma parte de sua própria pele para sugar, ao invés de um objeto externo, já que ela ainda não é capaz de dominar o mundo externo.

“A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue controlar, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior” (Freud, 1905, p.171)

Freud (1905) define o conceito de zona erógena da seguinte forma: “trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (p.172). Freud (1905) postula a existência de zonas erógenas predestinadas, embora afirme que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa também possa assumir a função de uma zona erógena, caso tenha aptidão para isso. Portanto, para ele, mais do que a natureza das partes do corpo de onde se originou a pulsão, a qualidade do estímulo é que está relacionada com a produção da sensação prazerosa ou desprazerosa.

Segundo Machado & Winograd (2007), a fase do autoerotismo ressalta a função erogeneizante do toque para o corpo envolvido pela pele. “Esta seria uma facilitadora orgânica para a busca da satisfação, ao viabilizar a percepção de prazer através de seus próprios receptores especializados” (Machado & Winograd, 2007, p.107). O investimento pulsional sobre o corpo do bebê vindo quer daquele

que o cuida ou de maneira autoerótica fornece as primeiras percepções táteis, que posteriormente evoluem em direção ao mundo externo. Assim, as mensagens que o bebê recebe através da pele possibilitam a descoberta da realidade externa e proporcionam as sensações de prazer e desprazer (Machado, Winograd, 2007).

### **3.3. Do autoerotismo ao narcisismo secundário**

Em 1915 Freud acrescenta um texto aos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, no qual apresenta a vida sexual infantil como essencialmente autoerótica, por encontrar seu objeto de satisfação no próprio corpo, além de suas pulsões parciais buscarem a obtenção de prazer desvinculadas umas das outras. Em 1914 Freud desenvolve o conceito de narcisismo, no qual atribuirá erogeneidade ao corpo inteiro, o que até então havia sido reservado às zonas erógenas envolvendo a sexualidade infantil autoerótica. Segundo Fernandes (2003) “o corpo torna-se, assim, um corpo erógeno, o que supõe uma passagem do corpo auto-erótico ao corpo, por assim dizer, narcísico” (p.80).

“Podemos decidir considerar a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos e, então, podemos falar de um aumento ou diminuição dela numa parte específica do corpo. Para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal no eu” (Freud, 1914, p.91).

Freud (1914) propõe uma distinção entre narcisismo primário, que passa a ocupar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual, e o narcisismo secundário, que pressupõe um retorno da libido ao próprio eu, após já ter sido investida em objetos exteriores. Freud (1914) pressupõe que, a princípio, a libido é investida no próprio eu (narcisismo primário), ou seja, há uma catexia libidinal original do eu, parte da qual é direcionada a objetos, posteriormente. Dito de outra maneira, “é provável que esse narcisismo constitua a situação universal e original a partir da qual o amor objetual só se desenvolve posteriormente, sem que, necessariamente, por esse motivo o narcisismo desapareça” (Freud, 1917, p.417). Freud (1914) constata, então, uma antítese entre libido do eu e libido objetual, porém, durante o estado de narcisismo, ambas as energias existem em conjunto,

não sendo possível fazer tal discriminação. Essa distinção só é possível a partir da existência da catexia objetal e, quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. Freud (1914) faz um paralelo dessa distinção com a distinção entre a fome e o amor, considerando que o indivíduo leva uma existência dúplice: “uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente” (Freud, 1914, p.85). O indivíduo seria “o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal” (Freud, 1914,p.86).

O autoerotismo é a atividade sexual presente na fase narcísica, cujo objeto é insignificante, em comparação com o órgão que lhe serve de fonte, via de regra coincidindo com esse órgão, o que torna o papel desempenhado pela fonte orgânica tão decisivo (Freud, 1915a). Fernandes (2003) ressalta que o conceito de narcisismo é muito importante para a questão do corpo na psicanálise, à medida que “sustenta a idéia de que o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor” (Fernandes, 2003, p.80). Na atividade autoerótica, própria da fase do narcisismo, o corpo passa de fonte da pulsão, ao corpo como finalidade, lugar ou meio da satisfação. Enquanto que, ao mesmo tempo, o registro do narcisismo pressupõe a ideia de um corpo unificado: “o próprio corpo se encontra, assim, imediatamente colocado no lugar do si mesmo” (Fernandes, 2003, p.80). Laplanche (2001) faz uma observação que distingue com clareza um primeiro momento da sexualidade infantil e um segundo que estabelece uma relação entre narcisismo e a constituição de um eu unificado.

“Se quisermos conservar a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma anárquica, independentemente umas das outras, e o narcisismo, em que o eu na sua totalidade é tomado como objeto de amor, seremos levados a fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do eu” (Laplanche, 1970, p.288).

Isso porque, segundo Freud (1914), as pulsões autoeróticas existem desde o início, e uma unidade comparável ao eu não, ou seja, pelo menos um esboço do eu precisa ser desenvolvido para provocar o narcisismo, o que permite uma primeira unificação das pulsões sexuais.

“uma unidade comprável ao eu não pode existir no individuo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (Freud, 1914, p.84).

Freud (1914), no entanto, não desenvolve mais sobre o que seria essa nova ação psíquica. Todavia, Garcia-Roza (1995) conseguiu auxiliar na compreensão de alguns pontos dessa afirmação. Segundo Garcia-Roza (1995), “o que se acrescenta ao auto-erotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu” (Garcia-Roza, p.42). A definição de eu, para o autor (1995), em seu sentido mais amplo, designa a representação ou um complexo de representações que o sujeito faz de si mesmo, cuja fonte são as imagens provenientes do mundo externo. Esta unidade entendida como um conjunto de representações não está presente desde o início. Segundo o mesmo autor, este início a que Freud (1914) se refere é o da série prazer-desprazer, ou seja, o início da vida erótica, que dará lugar ao princípio de prazer e que será autônoma em relação às funções biológicas. Garcia-Roza (1995) ressalta que as pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, não unificadas, produzindo satisfação local, ou seja, o prazer de órgão. Fernandes (2003) acrescenta que os três momentos no desenvolvimento da libido (autoerotismo, narcisismo e amor objetal) evidenciam “a existência, no princípio, de um corpo fragmentado, auto-erótico, e que o narcisismo, intervindo a posteriori, viria a reunir, em uma unidade, as pulsões sexuais que até então trabalhavam auto-eroticamente” (p.86). Essa unidade, segundo Fernandes (2003) e segundo Garcia-Roza (1995), é o sentimento de si, do qual faz parte a imagem corporal que constitui a primeira unidade do sujeito. No entanto, Garcia-Roza (1995) ressalta que esta primeira unidade de representações que constitui o eu original, possibilitando a passagem do autoerotismo para o narcisismo, não é algo definitivo, que permanece para sempre idêntico, mas, pelo ao contrário, uma vez constituído, é sempre renovado e lhe são acrescentados novos traços.

Freud (1914) considerava mais difícil apreender o narcisismo primário das crianças através da observação direta, mas o confirmava através da observação das atitudes afetuosas dos pais para com os filhos, que considerava uma revivência e reprodução de seu próprio narcisismo abandonado. A supervalorização presente na atitude emocional dos pais é vista como um

indicador de um tipo de escolha objetal narcisista, ou seja, que procura a si mesmo como objeto amoroso, diferentemente da escolha objetal de ligação. “Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele” (Freud, 1914, p.97). A criança nasce com a expectativa de concretizar todos os sonhos que os pais jamais realizaram.

“No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do eu, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocadamente revela sua natureza anterior” (Freud, 1914, p.98).

Freud (1914) afirma que as características do narcisismo infantil encontram-se apagadas no adulto normal, mas certamente a libido do eu não foi toda convertida em catexias objetais. O autor encontra a resposta para essa questão no processo do recalque. Esse destino ocorre quando um impulso libidinal entra em conflito com ideias culturais e éticas do indivíduo, ou seja, quando o indivíduo reconhece essas ideias como um padrão para si próprio e submete-se às exigências que elas lhe fazem. Segundo as palavras de Freud (1914), “O recalque, como dissemos, provém do eu; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor próprio do eu” (p.100).

No entanto, Freud (1914) enfatiza que o homem tem uma imensa dificuldade em abrir mão de uma satisfação que outrora vivenciou; por isso, ele não renuncia à perfeição narcisista de sua infância, e, mesmo quando não é mais possível reter aquela perfeição, ao se deparar com as censuras de terceiros e com seu próprio julgamento crítico, procura recuperá-la sob a forma de um eu ideal. Segundo Freud (1914), “esse eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu ideal, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição e valor” (p.100). Esse sentimento de perfeição que goza o eu infantil é fruto do narcisismo dos pais renascido e transformado em amor objetal através do cuidado e do carinho dispensado a “sua majestade, o bebê” (Freud, 1914, p.98). Com o desenvolvimento, o resultado disso é a constituição de uma instância subjetiva, descrita por Freud (1914) como ideal do eu, que consiste no

deslocamento do narcisismo infantil em direção a este novo eu ideal, o qual, assim como “sua majestade, o bebê”, se acha perfeito, ou busca a perfeição narcisista de sua infância perdida. O ideal do eu “projeta diante de si como sendo seu ideal o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914, p.101). Desse modo, a formação de um ideal aumenta as exigências do eu e serve como fator condicionante a favor do recalque.

O desenvolvimento sexual passa, portanto, por diversas fases, até chegar à idade adulta, na qual as pulsões parciais são centralizadas sob a predominância da pulsão genital, deixando marcas que irão repercutir no psiquismo por toda a vida. Sobre o caminho percorrido para alcançar o amor objetal, Freud (1905) afirma que a criança perde seu objeto de satisfação sexual infantil, ou seja, o seio materno, quando consegue formar uma representação da pessoa a quem pertence aquele órgão que lhe proporcionava satisfação. A pulsão sexual torna-se então autoerótica e, só após o período de latência, é que se restabelece a relação com o objeto externo. Freud (1905) ainda acrescenta que, desse modo, “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p.210). Isto porque o caminho para o encontro do objeto se dá ou por apoio em modelos infantis primitivos ou pela forma narcísica, na qual se busca o eu do próprio sujeito, na tentativa de reencontrá-lo em outrem.

Mesmo depois que a pulsão sexual se separa da nutrição e os primeiros e mais importantes vínculos sexuais foram estabelecidos, ainda há, no período de latência, uma parcela significativa na preparação da futura escolha do objeto. Durante esse período, a criança aprende a amar outras pessoas, que, assim como sua mãe (ou substituta), atende suas necessidades e a ajuda em seu desamparo, dando continuidade ao modelo de relação do lactente com a mãe. Eis o que diz Freud (1905) sobre a identificação do amor sexual com os sentimentos afetuosos e o apeço da criança pelas pessoas que cuidam dela:

“O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfações sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo” (Freud, 1905, p.210).

Embora a mãe considere seu manejo com o bebê como um amor puro e assexual, ela, sem saber, desperta a pulsão sexual de seu filho e prepara a intensidade posterior dela. Ensinar seu filho a amar dando-lhe afeto é apenas uma tarefa que irá auxiliar na constituição daquele ser humano dotado de necessidade sexual e capacitá-lo a realizar, em sua vida, tudo aquilo que os seres humanos são impelidos pela pulsão. Entretanto, o excesso de ternura também tem seus efeitos maléficos, na medida em que tem a possibilidade de acelerar a maturidade sexual ou tornar a criança incapaz de renunciar temporariamente ao amor, em fases posteriores da vida (Freud, 1905).

Freud (1914) faz referência novamente, portanto, ao conceito de apoio, para falar sobre a relação entre as escolhas dos objetos sexuais da criança e suas experiências de satisfação. De acordo com o conceito de apoio, as primeiras experiências de satisfações sexuais são vivenciadas em relação às funções que servem à finalidade de autopreservação. Logo, a afirmação que se segue, enfatiza não só a relação entre a pulsão sexual e as experiências voltadas para a autoconservação, mas também a importância da relação entre o bebê e aquele que lhe cuida. Assim, Freud (1914) postula que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a pessoa que cuida dele.

“as pulsões sexuais estão, de início, ligadas à satisfação das pulsões do eu; somente depois é que eles se tornam independentes destas, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua” (Freud, 1914, p.94).

Fernandes (2003) ressalta que a mãe tem a função de reconhecer e nomear o prazer que o bebê experimenta no próprio corpo, pois estes prazeres parciais do começo vão preparar o corpo, quando este se unificar, para o acesso ao gozo sexual. Estas são as palavras da autora:

“Antes mesmo que a criança adquira a noção de um corpo unificado, são esses diversos elementos que permitiram, ainda na experiência de dispersão do corpo, a constituição do auto-erotismo e abririam, em seguida, a passagem em direção ao narcisismo, com a constituição de um corpo unificado, e assim em direção ao amor objetal” (Fernandes, 2003, p.90).